

Escrevivências geopoéticas em Roteiros Geoturísticos no Rio de Janeiro: Metamorfoses para a Conservação da Natureza

Maria Luiza de Oliveira Costa Lopes¹, Bernardo Perrota Legal Gomes², Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano³

¹ Mestranda em Divulgação Científica - Fiocruz ² Mestre em Ecoturismo e Conservação - PPGEC /UNIRIO ³ Doutora em Geologia, Docente do Mestrado em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - PPGEC /UNIRIO

Apresentação

A presente criação tem como objetivo apresentar e analisar a realização da performance do poema autoral “Metamorfose”, que foi escrito e declamado por Mallu Oliveira, integrante da equipe Geotales da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no Roteiro Geoturístico da Urca. Nos outros roteiros, como no Centro do Rio de Janeiro, foi realizada a performance de poemas de Conceição Evaristo, como “Malungo, Brother, Irmão”, que inspiraram as criações elaboradas de forma coletiva ao longo das pesquisas. Estes roteiros foram desenvolvidos e aplicados por Bernardo Perrota e Luiza Ponciano no ano de 2018, em conjunto com as integrantes dos projetos de extensão do grupo GeoTales, coordenado por Luiza Ponciano. As atividades foram um dos resultados da pesquisa de Mestrado de Bernardo, intitulada: “Geopoética das Paisagens: atrativos para a realização do Geoturismo Urbano no Rio de Janeiro”, que teve como objetivo principal a criação de Roteiros Geoturísticos no Rio de Janeiro, a fim de subsidiar práticas turísticas focadas na compreensão e conservação do Patrimônio Geológico. Esta dissertação é parte do Programa de Pós-graduação em Ecoturismo e Conservação (PPGEC) da UNIRIO, e foi defendida no ano de 2019 (Gomes, 2019).

Como podemos perceber no poema “Malungo, Brother, Irmão”, de Conceição Evaristo, os temas abordados nos poemas estavam intrinsicamente associados com os conteúdos apresentados durante os roteiros: “No fundo do calumbé/ nossas mãos ainda/ espalmam cascalhos/ nem ouro nem diamante/ espalham enfeites/ em nossos seios e dedos./ Tudo se foi/ mas a cobra/ deixa o seu rastro/ nos caminhos aonde passa/ e a lesma lenta/ em seu passo-arrasto/ larga uma gosma dourada/ que brilha no sol./ um dia antes/ um dia avante a dívida acumula/ e fere o tempo tenso/ da paciência gasta/ de quem há muito espera./ Os homens constroem/ no tempo o lastro./ laços de esperanças/ que amarram e sustentam/ o mastro que passa/ da vida em vida./ no fundo do calumbé/ nossas mãos sempre e sempre/ espalmam nossas outras mãos/ moldando/ fortalezas e esperanças,/ heranças nossas divididas com você:/ malungo, brother, irmão”. Este poema foi apresentado no 1º Ponto do Roteiro Geoturístico pelo Centro Histórico do Rio de Janeiro, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), com o objetivo de fazer uma correlação do poema de Conceição com o conteúdo histórico e cultural que foi apresentado neste momento do roteiro, descrito ao final.

Ressalta-se que os poemas de Conceição Evaristo, principalmente “Malungo, Brother, Irmão” e “Do Velho ao Jovem”, foram a inspiração para a criação deste produto artístico e de outras criações associadas com a monografia “Escrevivências geopoéticas na educação: a afroperspectiva no ensino de Biologia” (LOPES, 2019). Esta pesquisa foi apresentada em 2019 para a obtenção de título em Licenciatura em Ciências Biológicas na UNIRIO. O trabalho foi orientado pelas pesquisadoras Luiza

Correspondente:
marialuizalopes@edu.unirio.br

Citação: Lopes MLOC, Gomes BPL, LCMO Ponciano (2021) Escrevivências geopoéticas em Roteiros Geoturísticos no Rio de Janeiro: Metamorfoses para a Conservação da Natureza. Ecoturismo & Conservação 2(1) p. 193-198.

Recebido: 7 de setembro, 2021
Aceito: 13 outubro, 2021
Publicado: 27 dezembro, 2021

Copyright: © 2021 Lopes et al.

Ponciano e Aza Njeri, sendo desenvolvido e aplicado em conjunto com as demais integrantes da equipe GeoTales/UNIRIO entre 2018 e 2019 com estudantes de ensino médio de escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro e com futuros educadores, discentes de graduação de Museologia e Ciências Biológicas da UNIRIO. O poema “Do Velho ao Jovem”, de Conceição Evaristo, fez parte do Repertório Geopoético da atividade e foi uma das inspirações para a criação da mesma, com o objetivo de divulgar conteúdos sobre Biologia e Geociências por meio de poesias de autoras e autores africanos da diáspora e do continente. Além disso, a oficina abordou a relevância das pesquisas desenvolvidas pela cientista queniana Wangari Maathai e pelo cientista senegalês Cheikh Anta Diop e a relação desses estudos com conteúdos de ciências. Ao final do processo, os participantes também criaram poesias e/ou fotografias que tivessem alguma relação com a Biologia e/ou Geociências, expressando artisticamente as suas percepções.

O poema “Metamorfose”: memórias afetivas e Escrevivências geopoéticas

“Tive pouco tempo frente à imensidão das horas, mas aquela vida foi eternizada nas melhores lembranças...”

(Trecho do poema autoral “É que já foi tempo...”, de Mallu Oliveira)

O termo “Escrevivência” foi cunhado pela consagrada escritora Conceição Evaristo. Segundo ela, a Escrevivência tem um caráter coletivo e ocorre quando determinado(a) autor(a) tem a sua escrita motivada pelas suas próprias vivências e/ou pelas experiências vividas por pessoas próximas a ele(a), e estas vivências são retratadas nos seus textos (EVARISTO, 2008). Tomando como referência esse conceito, Lopes et al. (2020) criam o termo “Escrevivência Geopoética”, que está sendo ampliado aqui para abarcar os escritos, sejam eles em prosa ou verso, que são produzidos por conta das vivências de seu próprio autor(a) e/ou de alguma pessoa próxima, e que retratam a associação das suas histórias de vida com as suas relações sensíveis e afetivas com os demais elementos do planeta Terra, sejam eles bióticos ou abióticos, atuando como sujeito e tema de sua própria escrita e ampliando o caráter coletivo, ao abarcar diversas relações de quem escreve com várias outras formas de vida. Segundo Kenneth White, fundador do Instituto Internacional de Geopoética, em 1989, as diversas formas de relação sensível dos seres humanos com o planeta Terra podem ser sintetizadas no termo Geopoética (Ponciano, 2018). Collot (2013) e Moraes (2015) também enxergam o ser humano como parte integrante da Natureza e consideram dentro da Geopoética as diferentes conexões que os seres humanos têm com outros elementos naturais, tais como vulcões, rochas e o vento.

De acordo com Collot (2013) a Geopoética é a forma como o efeito literário se inscreve no espaço e o ressignifica. A noção de paisagem envolve local, olhar (percepção) e imagem. Portanto, o ambiente só se torna paisagem a partir do momento em que é percebido por uma pessoa. Dessa forma, a paisagem aparece como a imagem do mundo vivido e provoca o pensar, e mesmo estando centrada no ponto de vista de um sujeito, por meio dela podem ser investidos significados e valores coletivos e individuais. Segundo esse mesmo autor, o “sentimento-paisagem” nasce do encontro e interação entre sujeito e objeto. Dessa forma, é por meio da criação de novas relações entre palavras que o poeta pode levar em conta a particularidade de sua relação com o mundo. Assim, a paisagem de um escritor talvez seja ele próprio, como sujeito e tema de sua própria escrita (COLLOT, 2013; MORAES, 2015).

Segundo White (19-?), a Geopoética é uma teoria-prática que pode embasar vários tipos de atividades (científicas, didáticas, artísticas,...) que tentam se libertar de disciplinas muito estreitas e estão em busca de uma base e dinâmicas duráveis. A parte “Geo” se refere à Terra como base, “coisa com a qual, além de todas as diferenças (...) estamos de acordo”, na busca por um consenso no grupo social em relação ao que é considerado como essencial, numa relação direta com as “coisas” da Natureza. A “Poética” do termo pode ser entendida como uma “dinâmica fundamental do pensamento” (num

processo de criação e composição que emerge do contato com a Terra), combinando todos os recursos físicos e mentais de que dispõe o ser humano ao manter a associação entre a ideia e a sensação, o pensamento e a emoção despertada no corpo. Segundo Bouvet (2012), a Geopoética procura criar um novo território, no qual cada pessoa pode estabelecer relações harmoniosas com os outros à base de um pertencimento comum, sendo um vasto campo de pesquisa e criação no qual se cruzam as Ciências, as Artes e a Literatura.

Abaixo, segue um exemplo de Escrivência geopoética por meio do relato sobre o processo de construção do poema “Metamorfose”:

Viajei para pretéritas recordações de minhas vivências e me lembrei de uma noite fria que vivi na zona norte do Rio de Janeiro em março de 2017. Neste instante, a madrugada amanhecia e eu estava na companhia de um grande amigo na época. Lembro de termos contemplado, juntos, uma Lua bela e alaranjada. Com minha câmera em mãos, fiz um registro fotográfico desse momento (Figura 1).



Figura 1. - A Lua. Fotografia: Mallu Oliveira. Honório Gurgel, Março de 2017.

Sempre gostei de admirar a beleza e as diferentes formas desse satélite natural do planeta Terra. Mas confesso que de todas as suas geometrias e cores, aquela foi a que mais gostei de encontrar pelo caminho e observar. Um dia após esse encontro, escrevi a poesia “Metamorfose”, em homenagem a esse dia vivido (Lopes, 2019):

Metamorfose

Novos ciclos
Um recomeço
Um vai e volta desconcertante
E lá fomos nós
Sozinhas no espaço
Caminhando lentamente na escuridão
Pelos caminhos incertos da vida
Na madrugada fria
Sobe
Desce
Tropeça
Levanta
Tão perto
Mas ao mesmo tempo tão longe
E mal sabíamos nós
Que somos
Fortes como uma rocha
Leves como o vento
E livres como as aves

Mallu Oliveira

A realização das performances nos Roteiros Geoturísticos

A Vida é Movimento! Permita-se passar por mudanças!
Mallu Oliveira

A performance de “Metamorfose” foi realizada por Mallu Oliveira na segunda parada do Roteiro da Urca, na Pista Cláudio Coutinho - Urca (Figura 2), um local agradável e ao ar livre, onde as pessoas geralmente realizam caminhadas, demais exercícios e também tem momentos de lazer. Essa etapa do Roteiro utilizou como ponto de apoio a placa do Projeto Caminhos Geológicos, do Departamento de Recursos Minerais do Rio de Janeiro (DRM - RJ). Este projeto tem como objetivo promover a difusão do conhecimento geológico do Estado do Rio de Janeiro, valorizando o Patrimônio Natural e Geológico (Gomes et al., 2019).



Figura 1. (a) Segunda parada do Roteiro, na frente da Placa do Projeto Caminhos Geológicos - DRM-RJ; (b) Performance do poema “Metamorfose”, por Mallu Oliveira. Foto: (a) Luiza Ponciano; (b) Julia Mayer (2018) (Gomes et al., 2019).

Na ocasião, a atividade foi realizada no dia 29 de novembro de 2018 com 41 discentes de graduação do curso de Museologia da UNIRIO. A performance abriu caminhos para que Bernardo pudesse continuar a sua fala e fizesse uma relação do poema declamado com o conteúdo científico que seria divulgado. A apresentação no início desse segundo ponto do Roteiro teve como objetivo introduzir o tema metamorfismo, diretamente relacionado com as rochas dos morros do Pão de Açúcar e da Urca. A Pista Cláudio Coutinho margeia estes morros, e a partir desta pista podem ser observadas as características texturais da rocha gnaiss facoidal, derivadas do metamorfismo e deformação do granito original (GOMES et al., 2019).

Dessa forma, nessa parada realizou-se uma costura e relação de conteúdos entre o poema e as informações científicas e as características locais do roteiro. O tema sobre as metamorfoses que ocorrem durante o ciclo da vida, presente no trecho “Novos ciclos / Um recomeço / Um vai e volta desconcertante”, foi associado ao metamorfismo e deformação do granito original, que possibilitou o aparecimento das características de textura do gnaiss facoidal, sendo esta uma rocha de origem metamórfica. Desse modo, o conteúdo do poema foi relacionado com a formação de rochas metamórficas e com a memória e história da formação do morro do Pão de Açúcar e do Morro da Urca.

Diversos outros poemas foram performados nos roteiros, como o poema “Malungo, Brother, Irmão”, de Conceição Evaristo, no Roteiro do Centro do Rio de Janeiro. Ele foi apresentado como abertura para apresentar o conteúdo associado ao CCBB.

O Roteiro do Centro que foi realizado no dia 24 de novembro de 2018 foi aberto ao público e divulgado pelas redes sociais por meio das páginas pessoais dos organizadores e pela página oficial do GeoTales e do PPGEC/UNIRIO. Na ocasião, 40 pessoas participaram da atividade, predominando os

discentes de graduação em Museologia da UNIRIO (GOMES, 2019).

Após a performance feita por Mallu Oliveira do poema “Malungo, Brother, Irmão” no CCBB, abriu-se caminhos para que o Roteiro começasse. Foi feita uma correlação entre o conteúdo do poema e o conteúdo histórico e geológico que foi apresentado neste momento do roteiro. Bernardo fez uma integração entre esses assuntos para os discentes presentes. Ele explicou que o CCBB tem um valor histórico e cultural para a Cidade do Rio de Janeiro e para todo o país, uma vez que entre 1763 e 1960, a cidade possuía funções centrais na política e na economia brasileira. Além disso, explicou-se que ele também possui fachadas predominantemente revestidas com o gnaiss facoidal. Essa rocha é classificada como metamórfica, sendo formada a partir de modificações na estrutura e composição do granito (rocha ígnea). Tais modificações ocorreram há cerca de 570 milhões de anos, devido ao aumento de temperatura e pressão causado pela colisão que formou o Paleocóntinente Gondwana (GOMES, 2019).

Por fim, destaca-se a importância da Arte para promover o encantamento em práticas de educação e divulgação científica voltadas para o Ecoturismo e Conservação. A realização do presente trabalho e da performance mostrou que a declamação de poemas tem um papel fundamental em práticas educativas que são baseadas em Roteiros Geoturísticos e que visam a Conservação do Patrimônio Natural e Geológico.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão - PIBEX pelo apoio aos projetos de extensão realizados pela equipe do GeoTales, que participaram da realização das atividades que embasaram o presente trabalho.

Referências bibliográficas

- BOUVET, R.. Como habitar o mundo de maneira geopoética? Interfaces Brasil/Canadá, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/interfaces/issue/view/50>>. Acesso em: 06 set. 2021.
- COLLOT, M. Poética e filosofia da paisagem. Rio de Janeiro: Oficina Raquel. 2013.
- EVARISTO, C. Escrivências da afrobrasilidade: história e memória. Revista Releitura, Belo Horizonte, n. 23. 2008.
- GOMES, B. P. L. Geopoética das Paisagens: atrativos para a realização do Geoturismo Urbano no Rio de Janeiro. 2019. 240f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- GOMES, B. P. L.; Mansur, K. L.; Ponciano, L. C. M. O. Geoturismo urbano na Urca: conhecendo o Rio de Janeiro pelo olhar geopoético do Gigante Adormecido. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v. 12, n. 5, p. 623-652, 2019.
- LOPES, M. L. O. C. Escrivências geopoéticas na educação: a afroperspectiva no ensino de Biologia. 2019. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- LOPES, M. L. O. C.; NJERI, A.; PONCIANO, L. C. M. O. Luas de Ashanti: as Escrivências geopoéticas no Ensino de Biologia. In: 7 JORNADA DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DO MAR. n. 7, 2020. Anais. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2020. p. 193-198.
- MORAES, V. M. Entre as savanas de aridez e os horizontes da poesia: a multifacetada geopoética de Rui Knopfli. 2015. 241p. (Tese de Doutorado em Letras Vernáculas, na especialidade de Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- PONCIANO, L. C. M. O. Geotales: narrando as histórias petrificadas da Terra. Revista Sentidos da Cultura, v. 5, n. 8, p.34-48, 2018.
- WHITE, K. O grande campo da geopoética. [S. l.], [19-?]. Disponível em: <<https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>>. Acesso em: 06 set. 2021.